



Tempo livre, lazer e terciário (1991)

Autor(es): Gama, António; Santos, Norberto Pinto dos

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/32196>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0432-9_3

Accessed : 19-May-2017 17:38:42

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



Norberto Pinto dos Santos
António Gama
Coordenação

Lazer

Da libertação do tempo
à conquista das práticas

(Página deixada propositadamente em branco)



E N S I N O



(Página deixada propositadamente em branco)

Norberto Pinto dos Santos
António Gama
Coordenação

Lazer

Da libertação do tempo
à conquista das práticas

(Página deixada propositadamente em branco)

Lazer

Da libertação do tempo
à conquista das práticas

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO
Paulo Oliveira
[PMP]

EXECUÇÃO GRÁFICA
SerSilito • Maia

ISBN
978-989-8074-56-0

DEPÓSITO LEGAL
286421/08

OBRA PUBLICADA COM A COLABORAÇÃO DE:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Programa Operacional Ciência, Tecnologia,
Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

António Gama

*Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra*

Norberto Pinto dos Santos

*Centros de Estudos Geográficos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

TEMPO LIVRE, LAZER E TERCIÁRIO*

Resumo

A terciarização moderna vai a par com o aumento do tempo livre e com a formação do mito da sociedade dos ócios.

Na sociedade contemporânea a separação na forma como é usado o tempo pelos seus elementos traduz a estrutura de divisão social do trabalho, a qual manifesta correspondências marcantes nos usos do tempo. A predominância deste ou daquele tipo de uso, a maneira como o tempo é aproveitado, está muitas vezes, em relação com a condição social dos indivíduos. Estas diferenciações enraízam-se em modificações sociais que tomaram lugar sobretudo no século passado, como sejam a redução dos horários de trabalho, o direito às férias...

Actualmente, no processo de terciarização das sociedades urbano/industriais assumem lugar importante uma panóplia de actividades de serviços e de comércio cuja relação com as práticas do tempo livre e do lazer são manifestas.

A redução e a delimitação do tempo de trabalho têm como corolário a formação de um tempo livre. Este engloba um tempo de lazer que pode reflectir a importância das formas actuais de massificação do ócio. Daí que se possa compreender o grande interesse, por parte dos grandes grupos económicos, pela produção dos ócios e, por consequência, em se apossarem dos espaços que permaneciam menos aproveitados: a alta montanha, o mar, a praia. A variedade de espaços é imensa e apesar de serem espaços de divertimento, descanso e desenvolvimento, são, também, espaços de consumo virados para o ócio, criando, por isso, e para além das pretensões de sociabilização, uma vincada segregação social.

No entanto, as práticas do tempo livre e do lazer são marcadas, para além das ambiguidades referidas por dualidades diversas. Estas dualidades evidenciam, tanto no modo de produção como na temporalidade, a fronteira ténue entre lazer e trabalho e

*Adaptado do texto com o mesmo título, resultante de uma comunicação apresentada nas IIas Jornadas de Geografia (Coimbra, 24 de Janeiro de 1991). Instituto de Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Primeira edição no nº 10 dos *Cadernos de Geografia*, 1991.

tempo livre e trabalho. O desenvolvimento destas práticas conduziu à diferenciação espacial, cuja maior acentuação se manifesta nas áreas urbanas.

A ilustração destes problemas será feita com base em dois exemplos: em primeiro lugar a propósito da distribuição regional de práticas culturais e desportivas em Portugal; em segundo, através das actividades relacionadas com os ócios e a sua distribuição espacial em Coimbra. No primeiro exemplo, numa análise que tem como unidade de referência o distrito, dá-se importância à distribuição das casas de espectáculos e aos seus utilizadores. Nas práticas desportivas, através da contabilização de indivíduos que têm uma actividade desportiva federada ou profissional, faz-se a ilustração das diferenças de quantitativos existentes a nível distrital. Tanto as práticas culturais como as desportivas oferecem uma leitura que indicia desigualdades entre o litoral e o interior, frequentemente referidas no âmbito do crescimento económico, mas que se reflectem no acesso à cultura, ao recreio e ao desporto.

No segundo exemplo, valorizam-se as distribuições das actividades ligadas ao lazer e ao tempo livre, tendo como estrutura de referência a rede viária da cidade de Coimbra. Salienta-se, pontualmente, a utilização dos espaços de ócio (ao ar livre e em espaços fechados) tais como áreas verdes e estruturas desportivas e, também, os espaços de sociabilização e os de valorização cultural. Como o ócio é, frequentemente, sinónimo de aumento de consumo, faz-se também a representação de alguns comércios que contribuem ou são utilizados para a prossecução de práticas de ócio.

Resumé

La tertiarisation moderne va de pair avec l'augmentation du temps libre et de la formation du mythe de la société des loisirs.

Dans la société moderne, la division du temps selon l'usage qui en est fait traduit une structure de division social du travail à laquelle correspondent des traits marquants de l'utilisation de l'espace. La prédominance de l'un ou l'autre type d'utilisation et la manière dont le temps est mis à profit sont souvent en relation avec la condition sociale des individus. Ces différenciations ont leur origine dans des changements sociaux intervenus surtout au siècle passé, comme la réduction des horaires de travail, le droit aux vacances...

Actuellement, au sein du processus de tertiarisation des sociétés urbaine/industrielles, une place importante est occupée par une panoplie d'activités de commerce et de services qui entretiennent des rapports manifestes avec celles du temps libre et des loisirs.

La réduction du temps de travail a comme corollaire la formation d'un temps libre qui englobe un temps de loisir susceptible de connaître lui-aussi certaines des formes actuelles de massification. Ainsi peut-on comprendre l'intérêt que témoignent de grands groupes économiques à la production d'instruments de loisirs et, par conséquent, à l'appropriation d'espaces encore plus exploités: haute montagne, mer, plage. Leur variété est immense et bien qu'il s'agisse d'espaces de délassement, d'amusement et de développement, ils sont également espaces de consommation orientés vers les loisirs, créant de ce fait, au-delà de toute invitation à sociabiliser, une forte ségrégation.

Par ailleurs, les activités du temps libre et loisirs sont marquées, outre les ambiguïtés signalées par deux équivoques. Celles-ci mettent en évidence, tant sur le plan de la production que sur le plan de la temporalité, que la frontière est ténue entre loisir et travail et entre temps libre et travail. Le développement de ces pratiques a conduit à une différenciation et à une spécialisation de l'espace, dont les traits les plus accentués se retrouvent dans les sites urbains.

Ces problèmes seront illustrés à partir de deux exemples: d'abord, à propos de la distribution régionale des pratiques culturelles et sportives au Portugal; en second lieu, à travers les activités de loisir et leur distribution spatiale à Coimbra. Dans le premier exemple, une analyse, qui a pour unité administrative de référence le district, s'intéressera à la distribution des salles de spectacle et à leur fréquentation. En ce qui concerne la pratique des sports, la comptabilité au niveau du district des individus membres de fédérations, à titre amateur ou professionnel, permettra d'établir des différences quantitatives significatives. Les pratiques culturelles et sportives permettent une lecture révélatrice d'inégalités entre le littoral et l'intérieur, souvent remarquées dans le cadre de la croissance économique et qui se répercutent sur l'accès à la culture, aux sports et aux loisirs.

Dans le second exemple, on mettra en valeur le lien qui existe entre la distribution des activités récréatives et le réseau des voies de communication de Coimbra. On soulignera au passage l'utilisation des espaces de loisirs (en plein air et dans les espaces fermés) tels qu'espaces verts, installations sportives ainsi que lieux de rencontre sociale et de valorisation culturelle. Puisque les loisirs sont fréquemment synonymes d'augmentation de la consommation, nous parlerons aussi de certains commerces qui contribuent ou servent à la pratique d'activités de loisirs.

Abstract

Modern tertiarization goes hand in hand with increased spare time and the myth of the leisure society.

In contemporary society, the way time is divided up according to how it is occupied translates into the structure of the social division of labour, which bears a strong relationship to the uses of space. The predominance of this or that kind of use, or the way in which time is occupied is usually related to the social condition of the individual. These differentiations have their origins in social changes which took place largely in the last century, like the reduction in working hours, the right to holidays...

At the present time, in the process of tertiarization of urban/industrial societies, the panoply of service and commercial activities assumes an important position and their relationship with leisure pursuits is obvious.

The reduction and restriction of working hours has as its corollary the creation of free time. This encompasses leisure time which may reflect the importance of current ways of mass enjoyment of leisure. Thence it may be possible to understand why major economic groups are so interested in the production of leisure time and, as a result, gaining possession of spaces which have been underused: the mountains, the sea, beaches. There is an immense variety of spaces and, although they might be for entertainment, relaxing and development, they are also spaces geared to the

consumerism of leisure, thus creating, beyond any pretensions to sociabilization, a layer of social segregation.

Leisure pursuits are notable, apart from the ambiguities already mentioned, for duality in two senses. This duality is evidenced as much by the manner of production as by its temporality, the fine line separating leisure and work and spare time and work. The development of this practice has led to differentiation and spatial specialization, whose main effects are seen in urban areas.

These problems will be illustrated, using two examples: first, by reason of the regional distribution of cultural and sporting activities in Portugal; second, through leisure-related activities and their spatial distribution in Coimbra. In the first instance, in an analysis that has the district as its administrative reference, interest will focus mainly on the distribution of theatres and cinemas and their uses. When it comes to sport, by accounting for people who practise an organized sport, maybe professionally, we can show the numerical difference at the district level. Cultural interests as well as sporting activities provide evidence of inequalities between the coastal and the interior, often with reference to economic growth, but virtually always reflecting accessibility of culture, recreation and sport.

In the second example, distribution of activities liked to leisure and spare time will be valorised, using the city of Coimbra's road network as structural reference. The utilisation of leisure spaces will be carefully indicated (outdoor and indoor), such as green areas, sports facilities and, in addition, social gathering places and places of cultural interest. Since leisure is often synonymous with increased consumption, we shall also note various businesses that contribute to, or are used in, the pursuit of leisure.

1. A sociedade contemporânea: o tempo livre e o terciário do lazer

Hoje, o lazer faz parte da vida quotidiana de toda a gente. Por toda a parte, nos comboios, nos barcos, nos aviões, nos jornais, sobre as ondas, no cinema, na rádio, na televisão, somos solicitados constantemente à evasão da monotonia da vida quotidiana. São múltiplas as sugestões, desde o mais comum dos objectos a longínquos ambientes exóticos. Nas paredes das nossas cidades, enormes cartazes coloridos incitam-nos a todos os tipos de consumo, a todos os tipos de paraísos de férias.

Este desafio ao consumo é uma das características das sociedades modernas e, por isso, fortemente imbricada com o crescimento das actividades do terciário, um dos componentes da terciarização das sociedades da nossa contemporaneidade, em conjunto com a especialização e a sofisticação das actividades do comércio. Se outros terciários emergem como tipificadores dos processos de produção e de gestão, é do domínio das actividades relacionadas com a oferta de bens que, com maior evidência, se expressa a dimensão de espectáculo e de consumo de massas das sociedades pós-industriais. A necessidade cede lugar ao prazer, a posse duradoura à posse efémera. As dimensões simbólicas são transfiguradas pelos modos de consumir. A metamorfose das práticas sociais envolve, cada vez mais, os lugares e as temporalidades.

A terciarização da sociedade moderna tem sido acompanhada pela modificação de sentido das concepções de trabalho, tempo livre e lazer e, em consequência, das suas fronteiras respectivas. À oposição lazer/trabalho, que foi consoante as épocas e os

lugares, de uma valoração positivo/negativo, sucede, nas sociedades pós-industriais, uma modificação crescente do sentido dos termos, não mais redutíveis às dicotomias anteriores. O tempo livre não significa necessariamente ócio ou lazer, assim como trabalho pode ser, em muitos casos, sobreponível ou mesmo confundido com estados ou práticas de lazer. Na origem destas mudanças estão a alteração dos modos de trabalho e a redução dos horários de trabalho que os acompanham.

Nas últimas décadas a redução de horário de trabalho criou uma das utopias modernas mais curiosas. A realização pessoal, a libertação do trabalho alienado, a igualdade, seriam realizadas através do lazer. A sociedade dos ócios confundia-se com a sociedade do tempo livre. Os sinais contraditórios, a par e passo revelados pelas investigações, esmoreceram as euforias da utopia da sociedade dos ócios, mas, em simultâneo, vieram a revelar aspectos que aprofundaram o conhecimento do nosso tempo e foram estímulo a interpretações inovadoras. A sociedade contemporânea dá cada vez mais atenção ao tempo fora do trabalho, particularmente ao uso desse tempo e aos tipos de relação com os objectos do quotidiano. Por conseguinte, a diferença e a especialização espacial no mundo contemporâneo apresentam simultaneamente uma crescente compartimentação e libertação do tempo. Uma libertação do tempo que é ao mesmo tempo uma subjugação ao tempo.

Tudo isto está marcado por uma grande ironia. Porque falamos de libertação de tempo e de espaço quando são cada vez mais raros? “A proposição básica afirma que menor carência de bens acarreta maior carência de tempo” (Parker, 1976: 41). No entanto, como “as pessoas ainda precisam de tempo para manter os próprios organismos, dormir, comer e escovar os dentes, quanto mais artigos e aparelhos tiverem, mais tempo terão que gastar para os adquirir e para os manter” (Parker, 1976: 41).

A sociedade industrial converteu-se numa sociedade do tempo, pelas cadências cada vez mais rápidas dos ritmos do trabalho, das capacidades da produção e das potencialidades sempre crescentes de anular o espaço pelo tempo. Os modos de fazer e de transportar sempre trouxeram consigo a precisão do relógio, gerando uma transformação radical das crono-espacialidades da vida quotidiana. Os lugares perderam o sentido clássico de *locus* totalizador da vida quotidiana para se tornarem referentes espartilhados entre o enraizamento e o cosmopolitismo. Cada vez se produz mais para toda a parte e cada vez se consome mais o que é produzido em todo o mundo. Ao mesmo tempo, um mundo que se julga detentor de uma abundância nunca antes vista, aumenta a escassez de tudo, desde os recursos antes livres até ao espaço e ao tempo.

As mudanças das sociedades modernas foram objecto de atenção de estudiosos de formação diversa que procuram dar conta das transformações em curso e apontar tendências futuras.

Nos anos cinquenta e sessenta, a atenção centrou-se principalmente em temas como o desenvolvimento, a modernização e o bem-estar. A este conjunto de temas sucedeu-se a preocupação em caracterizar essa nova sociedade emergente. À civilização do trabalho opunha-se a civilização dos ócios, à sociedade industrial sucedia-se a sociedade pós-industrial, a uma sociedade fundada na produção, uma sociedade de consumo.

A procura de actividades de lazer em lugar de se fazer segundo as variantes tradicionais, ajusta-se cada vez mais com as características da sociedade de consumo. Em consequência, quando estudamos as actividades de lazer e do tempo livre deparamos com a sua imbricação com o consumo de massas e, por conseguinte, com a terciarização

das sociedades modernas. Para corolário, o tempo livre apresenta-se-nos como uma das características básicas da sociedade de consumo, na qual as actividades associadas com os lazeres constituem uma fracção significativa das actividades do sector terciário, muito contribuindo para o seu aumento em diversidade e quantidade.

A sociedade emergente apresentava-se, pois, como uma sociedade onde se evidenciavam como elementos caracterizadores o consumo, os lazeres e o tempo livre.

Desde os anos cinquenta, vários autores se debruçam sobre estes temas. Uns, como Jean Fourastié, procuraram delinear as tendências futuras, assinalando a importância crescente do terciário (Fig. 1) e da esfera do consumo nas economias associada com o aumento do tempo de não trabalho como característica das sociedades modernas (Fourastié, 1948: 1972). Outros, como Galbraith, apontavam a importância da sociedade do *welfare-state* como uma sociedade da abundância, em que a igualdade perante o consumo seria regra de medição social (Galbraith, 1976). Outros ainda, como Joffre Dumazedier caracterizavam a sociedade que se avizinha como uma civilização dos ócios, onde estes passariam a ter um lugar central nas relações sociais cada vez mais autónomos do trabalho. Seria um *novo lazer que nascia* a fundar uma nova sociedade (Dumazedier, 1962).

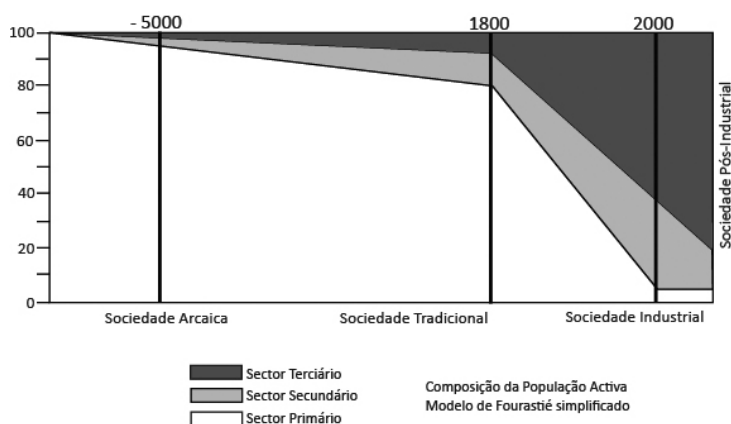


Fig. 1 - Evolução dos sectores de económica.

Fonte: Claval, *Geografia do Homem*, Almedina, 1987.

Nos finais da década de 1960 e inícios de 1970 duas obras marcaram o sentido da reflexão no mundo francófono. A. Touraine, na sua obra *La société post-industrielle*, interroga-se sobre o nascimento de uma nova sociedade em que a homogeneização, a massificação e a desestratificação dos ócios seriam alguns dos traços mais salientes (Touraine, 1969). Pela mesma altura, Baudrillard, depois de outras reflexões sobre os objectos e o consumo na sociedade moderna, traça um retrato impietoso da alienação do homem contemporâneo, mostrando a contradição entre o consumo, os lazeres e o tempo perdido e escasso (Baudrillard, 1969).

Destas interpretações ressaltam diversos aspectos convergentes, independentemente das posições mais acentuadamente apologéticas ou críticas da sociedade emergente. A sociedade pós-industrial é ao mesmo tempo uma sociedade do consumo e uma

sociedade dos lazeres. O tempo, nomeadamente o tempo livre toma de modo crescente um valor central. É pós-industrial, porque o trabalho perde centralidade analítica em favor do lazer libertador e instância de realização pessoal. Contudo, o lazer moderno torna-se cada vez mais integrado na massificação produzida pela nova indústria dos ócios e pela produção cultural das massas. Deste facto advém que o tempo livre é, cada vez mais, tempo de consumo e, ao mesmo tempo, revela-se que os lazeres perdem o sentido de criatividade pessoal para darem lugar às indústrias dos ócios e à dominação das formas de consumo de massas.

2. Trabalho, tempo livre e lazer

Se bem que, a uma primeira aproximação, as noções de trabalho, tempo livre e tempo de lazer se distinguem claramente, ao procedermos a uma avaliação mais aprofundada somos confrontados com alguns problemas de difícil resolução.

Trabalho, tempo livre e lazer sobrepõem-se ou excluem-se conforme os conteúdos linguísticos e sociais. Reportando-nos apenas à sociedade nossa contemporânea, o lazer e o tempo livre, embora interligados, não podem ser confundidos. Ambos se opõem à noção de trabalho. Por lazer entende-se uma ruptura com a situação de trabalho, mas que pelo seu carácter desinteressado e a escolha aparentemente livre, pode incluir o domínio do trabalho. No entanto, os perfis das conceptualizações de lazer e de tempo livre resultam de diversos factores, nomeadamente os que se referem à investigação empírica e às representações dos indivíduos.

Tempo livre significa, para uns, todo o tempo que convencionalmente resta fora do trabalho formal, para outros o tempo não incluído no trabalho, nas deslocações ou nas obrigações domésticas. Esta última definição aproxima-se mais de uma concepção de tempo livre equivalente à de lazer. Contudo, esse tempo livre pode não ser necessariamente *gasto* em situação de ócio sendo muitas vezes mais um tempo de trabalho.

A dificuldade de definir lazer torna-se pois patente na maioria das definições propostas, onde se evidenciam as fronteiras ambíguas com o conceito oposto de trabalho e com o conceito englobante de tempo livre. Apesar da sua ambiguidade, e do carácter idealista que encerra, adoptámos a definição de Dumazedier (1962), quer pelas características de liberdade e de hedonismo que lhe associa, como pelas três funções principais do lazer de descontração, de divertimento e de desenvolvimento. Ou seja: “o ócio é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode dedicar-se de maneira completamente voluntária, seja para descansar, seja para se divertir seja para desenvolver a sua função desinteressada, a sua participação voluntária, liberto das suas obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier, 1969: 20).

Se se procura definir lazer por oposição a trabalho, as situações de trabalho podem, no entanto, apresentar figuras bem distintas conforme a classe e o estatuto social. Se para uns o trabalho é feito de forma obrigada e alienante, para outros é fonte de realização pessoal podendo incluir elementos caracterizadores da situação de lazer. Assim, o modo como as pessoas apreendem a relação entre o trabalho e o lazer nas suas vidas, o que está dependente, de algum modo, da capacidade económica ou do estatuto social e cultural, pode servir de base a uma distinção de três posições: uma

que dá prioridade ao trabalho, uma segunda ao lazer e, por fim, uma que estabelece uma igualdade de valor entre o trabalho e o lazer (Kaplan, 1961).

Se o lazer cria a ilusão da igualdade pelo consumo, as diferentes atitudes em relação ao trabalho criam a distinção. Distinção pelo tempo e pelo espaço, que no entanto, se apresentam igualmente finitos. A finitude do tempo vai pois a par com a finitude do espaço. Conforme refere T. Hagerstrand “a finitude do espaço e do tempo nas configurações locais causa atrasos, distorções ou extinção de processos” (Hagerstrand, 1976).

Na mesma altura, cria-se o mito do tempo livre e dos espaços livres. Da natureza faz-se espectáculo, as explorações que eram lugar de aventura e de incerteza tornam-se cada vez mais objecto de programação de uma *indústria* em crescimento: a da evasão. Para preencher esse tempo livre e os espaços livres desenvolveu-se o lazer moderno. Este tomou-se, entre outras coisas, uma instituição social. Como produto da sociedade industrial moderna, o lazer moderno toma as formas específicas dessa mesma sociedade. Burns afirma com eloquência que a vida social fora da situação de trabalho não reemergiu; ela foi criada novamente, segundo formas que são próprias das feições do industrialismo, que derivam deste e que contribuem para o seu desenvolvimento, crescimento e rearticulação... (Burns, 1973).

Se o lazer na sociedade moderna pode ser visto como um concorrente, em relação ao trabalho na sociedade industrial, pensamos que é algo mais do que isso. O lazer industrial, é, também, uma fonte de valores éticos, além daqueles fundamentos na produção e no trabalho, com implicações na afirmação da diferença social. Por outro lado, ao ser benefício de uma maior produtividade, tornada possível pela produção em massa e pelo *marketing*, o lazer tende a exibir as mesmas feições e relações sociais que caracterizaram o mundo do trabalho industrial: padronização, prática rotineira, prevalência do capital, menor número de pessoas no processo de controlo e massificação.

As instituições de lazer resultantes tornam-se determinantes no modo como as pessoas usam o seu lazer. Não se limitam a atender uma procura, mas têm um papel capital na sua criação e decisão em relação ao modo como atendê-la (Parker, 1976). Criam-se os tempos livres, codificam-se e diferenciam-se os espaços do lazer, crescem as indústrias de divertimentos a um ritmo de acordo com a sociedade humana. Deste modo, ao mesmo tempo que se desenvolve uma produção de lazers, de indústrias de divertimentos, de jogos, da produção de equipamentos, desde a fotografia ao cinema e vídeo, da produção de discos aos instrumentos, etc., surge um sector de distribuição que inclui espaços de consumo que incluem uma variedade de situações desde o comércio de bens às salas de espectáculos e recintos desportivos.

Esta ligação entre consumo e tempo livre torna-se fundamental no modo como pretendemos abordar o problema da terciarização. Falar de tempo livre na sociedade contemporânea obriga pois necessariamente a falar de consumo. Consumo de bens cuja diversidade se alarga a par e passo e para o qual se necessita cada vez mais de mais tempo. No entanto, o consumo individual de determinados bens não é totalmente elástico, nomeadamente o consumo alimentar, ou os que dependem da disponibilidade de tempo ou da capacidade física do indivíduo. Estão neste caso os consumos ligados ao lazer, como fazer turismo, praticar jogos de mesa ou actividades físicas. Por conseguinte, os lazers modernos são cada vez mais interligados com a produção e comercialização

de objectos. O seu consumo implica, por isso, um aumento de locais de venda, de locais de consumo ou de fruição. Todos eles produzem um domínio que designaremos por terciário do lazer. Nuns casos, essa associação apresenta-se de forma evidente, noutros a sua ligação não é, à primeira vista, manifestamente clara. Se a especialização dos locais vinculam claramente as práticas ou estados de ócio, como em grande parte dos casos dos locais de turismo e veraneio, ou na comercialização de objectos para os lazeres (venda de aparelhos de som, televisão, vídeos), noutros casos a relação é mais exterior. É o que se passa quando o estado de lazer, de preenchimento despreocupado e descontraído, se faz numa atitude de *yoyeurismo*, de olhar o espectáculo das montras, aquilo a que se pode designar como *window shopping*.

O tempo livre torna-se uma condição de consumo, porque o tempo de lazer se torna necessário para consumir, tornando o tempo de lazer cada vez mais um tempo de consumo.

Como refere Zorrilla Castrejana “o consumo e o tempo livre vão, portanto, a par, necessitando um do outro. Nesta interdependência mútua geram-se novos processos que importa sublinhar: o tempo de não trabalho propicia o consumo específico de bens e serviços de lazeres, para além dos bens gerais. Espectáculos, desportos, viagens e outras actividades lúdicas organizadas têm neste tempo o seu espaço económico e no *ocioso* o seu presumível consumidor”. O crescimento das actividades de ócio torna-se, por conseguinte, uma necessidade funcional numa sociedade caracterizada pelo aumento tendencial do consumo privado. O tempo de ócio tende a constituir, neste caso, “o tempo economicamente necessário para permitir este consumo e criar novas necessidades especialmente de cultura e de jogo” (Zorrilla Castrejana, 1990: 43 e 44).

A ligação do ócio com o consumo comporta, em consequência, uma série de ambiguidades e de dualidades nas práticas de ócio e na caracterização dos lugares. Em primeiro lugar, ambiguidades que se traduzem na impossibilidade de definir de modo claro a natureza das práticas, ou seja, a existência de práticas com dupla situação, de trabalho e de ócio. Por um lado, o sentido do prazer e o hedonismo que encerram, situam-se entre o ócio, por outro, a obrigatoriedade e a remuneração, dão-lhe características de trabalho, que muitas vezes ócio e trabalho surgem em simultâneo nas práticas do mesmo agente. Em segundo lugar, as práticas de ócio, porque incluídas em práticas de consumo, patenteiam uma dualidade de situações de trabalho e lazer. Esta dualidade manifesta-se na actividade de um agente individual, conforme referimos quando se mostrou a dificuldade que por vezes surge na distinção entre o ócio e trabalho. Mas é, sobretudo, importante quando se analisam práticas em situação de co-presença: o produtor e o consumidor, o vendedor e o comprador. Ou seja, as mesmas práticas são efectuadas, por uns, em situação de trabalho, por outros, como lazer.

A distinção através do consumo e do aumento do tempo livre necessário para consumir, como característica das sociedades contemporâneas, gera processos de diferenciação social do acesso aos lazeres e modos de produção diferenciados dos espaços de lazer, contrariando a ilusão igualitária dos lazeres e produzindo uma distinção social através da distinção espacial. Também as práticas são duais, sendo esta dualidade extensiva aos lugares, aos objectos e às temporalidades dessas práticas. Os lugares situam-se na fronteira entre o trabalho e o ócio. Isto é, são, ao mesmo tempo, lugares de trabalho, mas também lugares de fruição, de preenchimento do tempo livre como ócio, de consumo. Disso são bem demonstrativas as áreas centrais de comércio

das cidades com todo o seu espectáculo de montras e de luzes, ou os modernos centros comerciais. Do mesmo modo, os objectos são produtos e objectos de trabalho e, ao mesmo tempo, objectos de ócio. A produção destes objectos gerou um importante crescimento e diversificação de indústrias, desde a fabricação de jogos, produção de discos e filmes e toda a série de equipamentos necessários à sua produção e, além de tudo, os veículos, símbolos da liberdade individual dos movimentos, da bicicleta aos meios de transportes aéreos, passando pelo automóvel e pelo comboio. O automóvel tornou-se, na sociedade contemporânea, uma expressão clara dessa dualidade dos objectos. Também as temporalidades são expressão da dualidade referida. Se o tempo de fim de dia, de fim-de-semana ou de férias é um tempo livre para ócios, a produção das actividades e dos equipamentos de suporte a esses ócios exigem uma fracção da população em situação de trabalho, muitas vezes mais intensivo do que nos tempos convencionalmente definidos como tal.

Os lugares, as temporalidades e as práticas oferecem numerosos exemplos cuja classificação se torna difícil. O acto de comer num restaurante pode apresentar-se segundo uma diversidade de situações, desde a temporalidade (no dia-a-dia, no fim-de-semana), a duração, o modo de estar até ao estatuto do próprio restaurante. São disso expressão clara o controlo entre o *fast-food* quotidiano e os almoços de família ou de grupos do fim-de-semana. Um acto vital quotidiano torna-se, pelo princípio do prazer, numa prática de ócio, e bem diferenciadora do ponto de vista social, do estatuto do frequentador, em que a abundância ou o requinte nem sempre vão juntos. Para uns, o ideal é comer muito e pagar pouco, para outros, pagar muito para comer pouco.

Mau grado as dificuldades de definição, as práticas de lazer as classificações apresentam comumente quatro grandes domínios: das artes, do recreio e sociabilização, do desporto e do turismo (Patmore, 1983).

As fronteiras entre estes domínios não são, na maioria das vezes, nítidas, como bem expressam as divergências nas classificações dos vários autores que tratam do tema (Lanfant, 1972; Sue, 1982; Dumazedier, 1981; Patmore, 1983; Zorrilla Castrejana, 1990), e que, num outro trabalho, desenvolvemos.

A cada um destes quatro domínios estão associados os lugares de práticas, os lugares de aquisição e de apoio e os agentes operadores. Muitas vezes os lugares de práticas confundem-se com os de aquisição de bens de lazer ou de apoio às suas práticas. Por outro lado, a estas práticas e lugares de práticas há a acrescentar os agentes operadores que podem constituir unidades funcionais bem distintas. É o caso dos lugares de prestação de serviços, como os agentes de viagem e os operadores turísticos que constituem actividades exteriores mas fortemente relacionadas com estas práticas.

3. As sociedades modernas. Lazer e urbanização: diferenciações regionais e contextos locais.

3.1. Diferenciações regionais

O lazer como forma de preenchimento do tempo livre motiva o consumo determinando o aparecimento de actividades para satisfazer as necessidades e pretensões

da população ao usar o seu tempo livre, como lazer, como trabalho secundário, ou como *hobbie*, ou seja, descansar, desenvolver ou distrair, usando o tempo fora do trabalho principal e das obrigações. O *ociar* converte-se numa prática de consumo (Zorrilla Castrejana, 1990), implicando, por isso, despesas, as quais se apresentam diversificadas em função das características dos espaços e das populações que os ocupam.

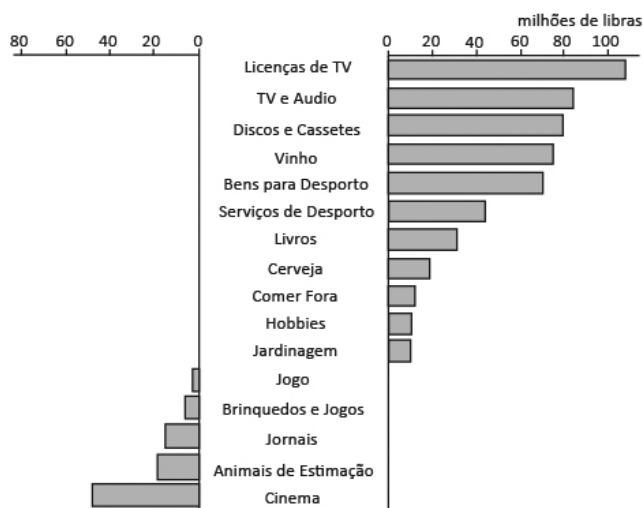


Fig. 2 – Despesas com práticas e bens destinados ao lazer.
Fonte: Patmore, 1983.

Alguns autores (Parker, 1976; Patmore, 1983) ao estudarem a repartição da frequência segundo os vários tipos de práticas de lazer evidenciam a importância dos lazeres modernos relativamente aos tradicionais, como expressão da modernização das práticas sociais das sociedades urbano/industriais. Esta tendência patenteia-se também na repartição das despesas em relação com os lazeres e a ocupação do tempo livre (Fig. 2). Nestas, salientam-se, de forma notória, os equipamentos electrónicos, TV, vídeo, discos e fotografia. Do mesmo modo, a análise das despesas das famílias em Portugal, referentes ao ano de 1981, mostra que, apesar das referentes ao lazer ocuparem apenas uma parcela relativamente pequena do quantitativo total (Fig. 3), os lazeres modernos ocupam já uma fracção importante nas que se referem ao lazer. Além disso, pela análise do quadro evidenciam-se também fortes contrastes regionais.

Desta análise regional, é ao Litoral – Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Algarve – que cabem os valores mais elevados de despesas com actividades culturais de espectáculos e desportivas, recreativas, de turismo, instrução ou em espaços de sociabilização (restaurantes, hotéis, bares, discotecas). Por outro lado, procedendo a uma análise da distribuição regional das despesas familiares, segundo diferentes formas de lazer, observamos que são ainda as regiões litorais que, para além de apresentarem os maiores quantitativos, evidenciam uma maior importância nas despesas respeitantes aos ócios modernos e associados com o consumo (aparelhos eléctricos e electrónicos e artigos de recreio, viagens de turismo, livros e jornais). De igual modo se salientam,

de forma ainda mais acentuada, nas regiões de Lisboa, Estremadura, Ribatejo e do Algarve, as despesas com restaurantes, cafés e hotelaria. Estas para além de significarem consumos do quotidiano de uma fracção da população, são, sobretudo, expressão da importância turística destas regiões e dos modos de lazer moderno da população que lhe está ligada de forma permanente, periódica ou ocasionalmente.

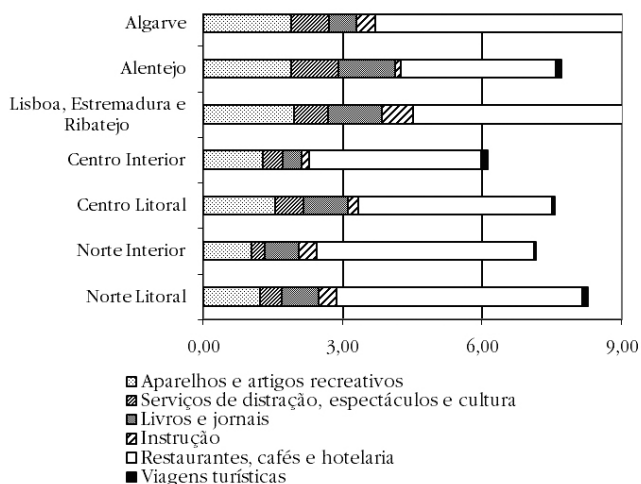


Fig. 3 – Despesas médias anuais, por regiões, em Portugal Continental.
Fonte: Inquérito às receitas e despesas das famílias, 1980-1981, INE, 1985.

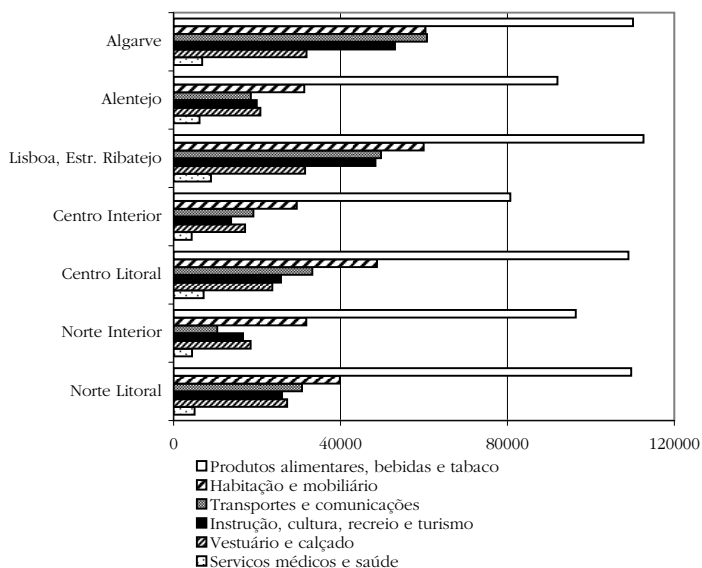


Fig. 4 – Despesas médias anuais, por região e grandes grupos de despesa, em Portugal Continental.
Fonte: Inquérito às receitas e despesas das famílias, 1980-1981, INE, 1985.

As regiões do litoral apresentam pois um maior número e diversidade de espaços de ócio o que significa, atendendo à dualidade de situações, também correspondentes espaços de trabalho.

	Jornais	Rádios	Televisão
Alemanha	348	401	360
Bélgica	224	468	301
Dinamarca	359	395	371
Espanha	80	285	257
França	212	860	375
Grécia	12 1	406	178
Holanda	310	791	449
Irlanda	186	456	249
Itália	82	249	404
Luxemburgo	352	644	256
Portugal	59	170	152
Reino Unido	411	993	328

Fig. 5 – Tiragem de jornais, receptores de rádio e televisão, (%).

Fonte: Zorrilla Castrejana, 1990.

As diferenças regionais que as despesas familiares expressam, e que se podem sintetizar nas oposições Litoral/Interior e Urbano/Rural, salientam-se também ao nível das práticas de lazer, quer sejam culturais, desportivas, turísticas ou de sociabilização. O lazer ao apresentar uma dualidade oferta/procura, e produção/consumo, estabelece tanto com a oferta como com a produção um forte vínculo. Os centros comerciais são uma das expressões da importância do lazer na sociedade moderna, ao valorizarem os espaços comerciais como espaço de passeio, de sociabilização, cultural e de recreio, quer através da oferta de bens, quer por intermédio da temporalidade dessa oferta, alargando o período de funcionamento dos estabelecimentos para além do período convencional de abertura dos comércioos.

Eles são uma das formas claras de exploração do lazer consumista dos nossos dias. Na verdade, de forma específica ou multifacetada, a oferta e produção de bens e espaços de ócio apresenta hoje um dinamismo crescente (Fig. 4). Isto deve-se, em grande parte, ao facto de os seus produtores serem, em cada vez maior número, grandes grupos económicos que aproveitam as solicitações de um mundo onde o tempo fora do trabalho tende a aumentar, gerando uma oferta elevada e diversificada. Ao mesmo tempo, as instituições públicas vêem-se confrontadas com a necessidade de despenderem avultadas verbas com infra-estruturas para as práticas de lazer. Estas funcionam como novos factores de desenvolvimento e tornando-se indispensáveis numa sociedade onde o tempo disponível fora do trabalho aumentando dá origem a uma carência de recursos para as práticas de ócio.

Os lazeres têm, por conseguinte, um lugar destacado entre as práticas sociais nas sociedades modernas, os quais são, como referimos, expressão dessa modernidade. As mudanças geradas pela evolução tecnológica confrontaram os indivíduos com uma variedade de bens, duráveis ou de utilização fora do tempo de trabalho que condicionaram a forma como é ocupado o tempo livre e o tempo de lazer. As práticas tradicionais de lazer caracterizadas pela frequência de círculos de amigos, cafés e tabernas,

por jogos, onde as cartas, as damas, o bilhar, a malha, o *xinquilho* eram frequentes, são substituídas por lazeres onde predomina a electrónica, através do vídeo, do rádio, televisão, dos *electrofonos*. Além do nível de desenvolvimento, a importância das práticas tradicionais é ainda visível quando procedemos à comparação dos consumos de lazer entre Portugal e os outros países da CEE. Em relação aos outros países da Comunidade Europeia, Portugal encontra-se numa posição em que a valorização dos consumos associados com os lazeres modernos é ainda fraco. Utilizando como indicadores de comparação a produção dos *mass media* junto da população (rádio, televisão e jornais) verifica-se que Portugal ocupa, em todos eles, o último lugar. As diferenças de poder de compra, mas também, as características socioculturais da população são a razão da grande distância da população portuguesa nos níveis de consumo no tempo livre usufruídos pelo resto da população da Comunidade Económica Europeia (Fig. 5).

O lazer, visto como forma de consumo, possibilita a identificação de diferentes tipos de consumidores os quais, por sua vez, apresentam, também, níveis e especificidades de procura diferenciadas. No entanto, verifica-se que algumas actividades culturais e práticas desportivas têm tendência, entre as práticas de lazer, a ser valorizadas com maior universalidade. Porque os lazeres são, nos nossos dias, cada vez mais produtos mercantilizados, qualquer expressão, cultural ou desportiva, obriga ao dispêndio de elevados quantitativos em dinheiro. Por isso, o seu funcionamento pode tomar dimensões empresariais ou depender de formas de valorização social do poder económico ou das políticas culturais do Estado.

As indústrias do ócio, desde a produção dos objectos aos empreendimentos de viagens e de turismo, tornam-se dominadoras dos mercados. Como resultado disso, o *marketing*, a gestão e a contabilidade, em conjunto com os estudos de mercado, os testes e a publicidade são serviços, cada vez mais, relacionados com a oferta de práticas de ócio.

A assistência a espectáculos traduz bem uma das vertentes da relação lazer e terciário. A frequência com que as pessoas se deslocam para assistirem a espectáculos (teatros, cinemas, musicais) depende, numa primeira análise, da existência de infra-estruturas destinadas a esse fim, mas, também, do nível sociocultural e económico-profissional das populações e das clientelas potenciais necessárias para a implantação dos recintos ou a promoção dos espectáculos. Essa frequência está, de igual forma, directamente relacionada com a maneira como as pessoas dispõem do seu tempo livre. A análise da distribuição distrital dos recintos de espectáculos mostra-nos o país dividido em quatro áreas bem definidas correspondendo aos distritos onde se verificam maiores densidades e maiores índices de concentração da população.

As regiões litorais apresentam um maior número de recintos de espectáculo; Lisboa, Porto e Setúbal salientam-se, em relação aos outros distritos do litoral os quais se apresentam menos bem servidos. As regiões do interior, de forma mais acentuada, patenteiam também diferenças, com relevo para o norte interior (Bragança, Guarda e Castelo Branco). Se, por outro lado, considerarmos o número de espectadores, as conclusões embora basicamente as mesmas, verifica-se, todavia, que as disparidades entre o litoral e o interior são acentuadas como expressão da maior afluência de população do litoral a espectáculos assim como à capacidade de oferta em número de lugares e, também, a um comportamento social diferenciado que valoriza a prática de lazeres culturais.

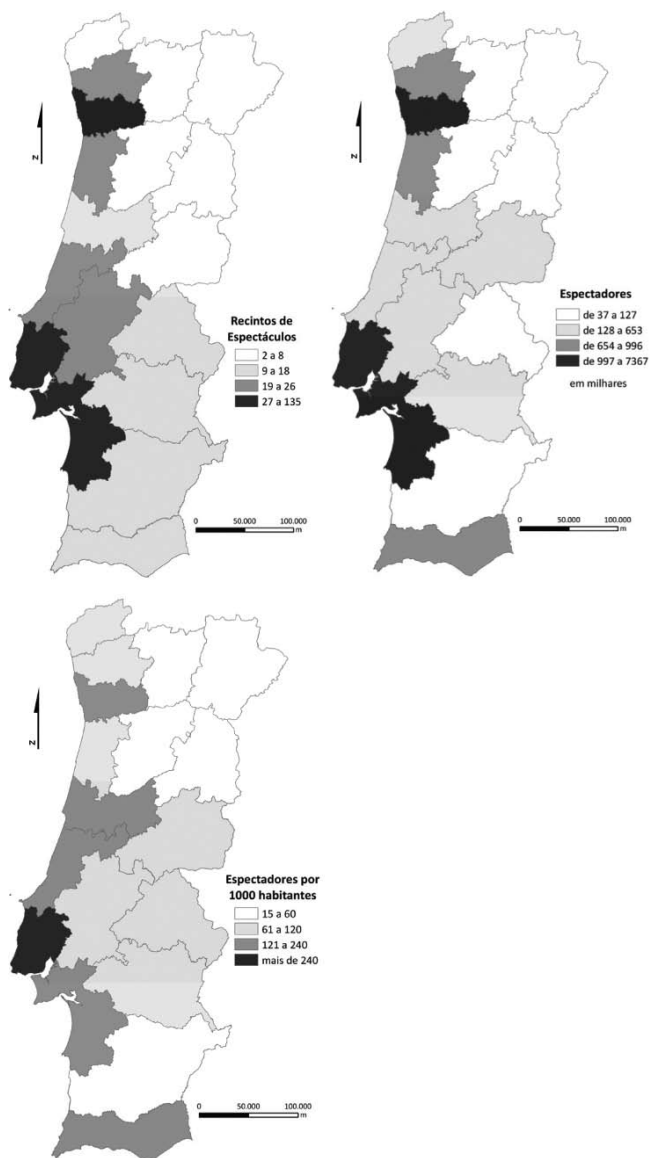


Fig. 6 – Recintos de Espectáculos, Espectadores e Espectadores por 1000 habitantes, por distrito, em Portugal Continental.

Fonte: Estatísticas da Cultura Recreio e Desporto, INE.

O número de espectadores em mil habitantes, permite salientar Lisboa como grande centro de espetáculos do País. Se aqueles que assistem a espetáculos estão realmente a utilizar o seu tempo livre como tempo de lazer, existe, por outro lado, um grande número de pessoas que sendo responsáveis pelo espetáculo (teatro, musicais) têm nele o seu tempo de trabalho, o que expressa a dificuldade de definir as fronteiras

dos conceitos de tempo de trabalho, tempo livre e tempo de ócio. Efectivamente, qualquer procura ou consumo de tempo livre e de ócio, impõem uma oferta e uma produção. Nesse sentido, Lisboa afirma-se tanto como a cidade com maior número de casas de espectáculo, de espectadores e, conseqüentemente, profissionais associados com o espectáculo.

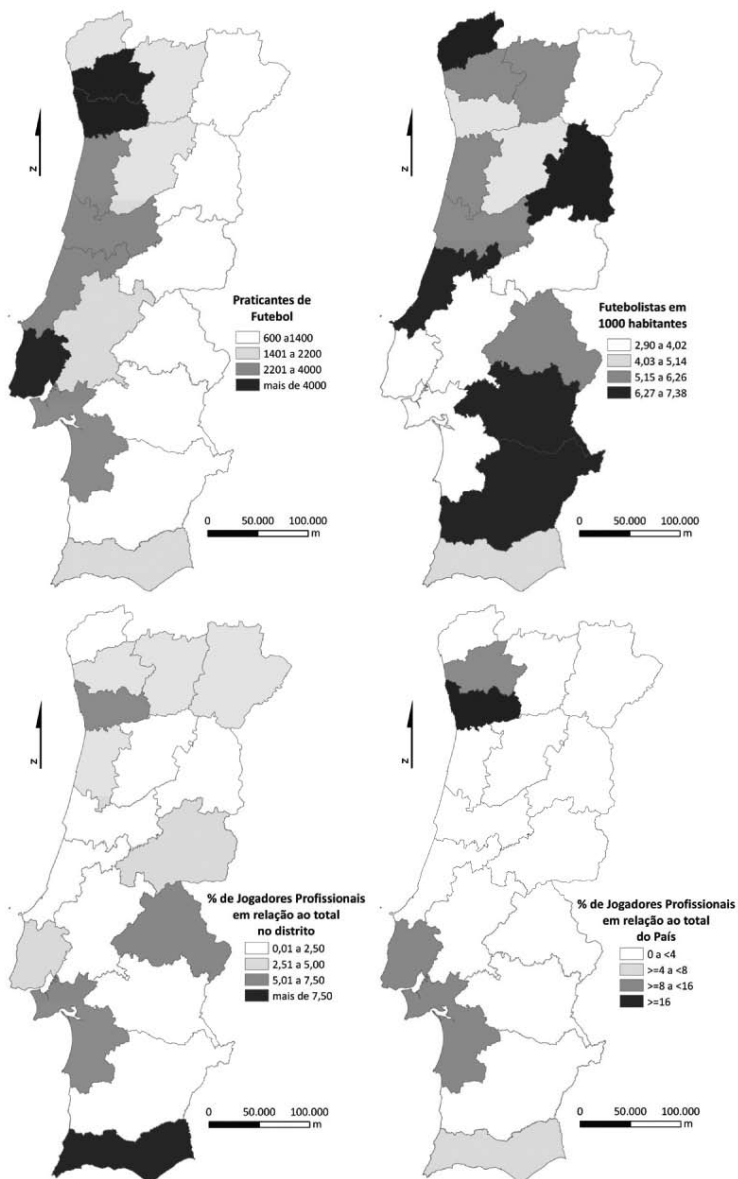


Fig. 7 – Praticantes de Futebol, por distrito, em Portugal Continental.
 Fonte: Estatísticas Cultura Recreio Desporto, INE.

O desporto e as práticas desportivas (Fig. 7) detêm uma grande importância entre as práticas do tempo fora do trabalho. Numa sociedade onde o aumento da mobilidade dos indivíduos representa a existência de uma espacialidade mais extensa, devido aos meios de transporte, à estrutura profissional e ao modo de vida urbano, o desporto assume um lugar privilegiado por excelência. Dumazedier (1980: 50) ao afirmar que “o desporto é o grande fenómeno social do século” traduz essa dimensão popular. De facto, as estruturas desportivas multiplicam-se e ganham praticantes, adeptos e espectadores, numa variedade de modalidades tal e em instituições de características tão diferenciadas (grandes clubes, clubes municipais, instituições escolares, desporto de lazer), que o processo se tornou num fenómeno de grande importância na sociedade actual. A sua valorização depende dos quadros socioprofissionais da sociedade moderna com o trabalho intelectual e o trabalho rotineiro a originarem pressões que provocam frequentes desequilíbrios de conduta social quando não compensados por actividades que não permitam o seu extravasamento.

O desporto, tal como todos os fenómenos sociais, embora expressão privilegiada de esbatimento das barreiras de relacionamento de pessoas de diferentes classes, salienta, a existência de grupos sociais dominantes ao permitir a afirmação de relações de negócios e das características económicas da população. Certos desportos encontram nas classes de maiores recursos económicos os seus principais praticantes e os seus principais espectadores, como no caso da esgrima, do hóquei, do golfe, do ténis. Em contrapartida, as classes de menores recursos escolhem como desportos o ciclismo, o boxe, o futebol, embora este, pelas suas características específicas integre praticantes de todos os níveis sociais.

O futebol como modalidade que cobre um universo social vasto é um bom exemplo para caracterizar o fenómeno desportivo. O jogo de futebol patenteia, também, uma dualidade de situações entre o trabalho e o lazer, o praticante e o espectador. Esta existe porque se, por um lado, os amadores utilizam a prática do futebol apenas como forma de lazer, os profissionais, fazem-no como tempo de trabalho. O lazer está de igual forma, presente no espectáculo oferecido aos adeptos que fazem uso do seu tempo livre como tempo de lazer, tanto em jogos de profissionais como nos de não profissionais. O número de praticantes de futebol em Portugal Continental, amadores e profissionais, evidencia uma relação directa com os valores de densidade e concentração da população, sendo os distritos do litoral, de Setúbal a Braga, os que apresentam os valores máximos. Todavia, quando procedemos à análise do número de futebolistas em mil habitantes a distribuição apresenta uma expressão muito diferente. Como modalidade que permite um aperfeiçoamento técnico sem a necessidade de grandes investimentos monetários é o desporto, por excelência para as populações menos servidas por infra-estruturas e meios técnicos. Por isso, não é de estranhar que os valores mais elevados de futebolistas em mil habitantes não ocorram nos distritos correspondentes aos maiores aglomerados urbanos do país (Lisboa, Porto e Setúbal). Por seu turno, os jogadores profissionais em relação ao total de praticantes apresentam uma distribuição espacial que depende do dinamismo económico. Este maior dinamismo económico, nomeadamente ligado às actividades industriais de transformação e de construção, às grandes empresas e às principais instituições financeiras, faz com que sejam os distritos do litoral, onde estas se sediam, a ter a maior percentagem de jogadores profissionais, sendo de destacar o distrito do Porto com valores superiores a 16%.

3.2. O terciário, o lazer e os contextos urbanos

A importância dos lazeres modernos nas sociedades com maior grau de urbanização suscita, além da repartição regional, procurando as relações entre níveis de urbanização, uma análise dos espaços de lazer nas cidades.

A terciarização tornou-se um fenómeno generalizado transformando de forma variada os espaços urbanos. Se os grandes bairros de habitação das periferias urbanas ocupam espaços que se alargam de forma continuada, as áreas centrais mostram uma predominância clara de actividades do sector terciário. Destas, as que se associam ao lazer são cada vez mais diversas e numerosas. O número de serviços destinados à ocupação do tempo livre, os comércios que dependem, directa ou indirectamente, da procura, pela população, de produtos e bens que contribuam para melhor usufruírem do seu tempo fora do trabalho, os espaços de lazer, de passeio, sociabilização, desporto, cultura e recreio, multiplicam-se e disseminam-se por todo o espaço urbano, como poderemos ver no exemplo de Coimbra, através da cartografia dos espaços de lazer. A sua implantação não é feita de modo aleatório, podendo, mesmo, ser integrada numa distribuição hierárquica e correspondendo, por outro lado, à especificidade dos diferentes espaços. De facto, identificam-se áreas que fazem depender da variedade das suas características a forma de ocupação e de distribuição dos espaços de lazer. Salientem-se dois factores que permitem essa individualização espacial: a distribuição segundo a hierarquia intra-urbana e a especialização e diferenciação espacial de áreas segundo as características sociais e, ainda, as infra-estruturas de transportes.



Fig. 8 – Planta da cidade de Coimbra. Lugares de referência e espaços verdes e áreas desportivas ao ar livre.

A – Baixa (área comercial, incluindo as Avenidas Emídio Navarro e Fernão de Magalhães); B – Alta (Colina da Universidade); C – Praça da República e Av. Sá da Bandeira (A, B e C – Centro da cidade de Coimbra); D – Celas (Núcleo de concentração do terciário especializado em serviços de saúde); E – Solum (área residencial e comercial); F – Bairro Norton de Matos (área residencial); G – Rossio de Santa Clara (extensão do centro na margem esquerda do Mondego – saída para Lisboa); H – Rua do Padrão e Loreto/Pedrulha (área residencial e industrial – saída para o Porto); I – Av. Elísio de Moura; J – Alto de S. João (saída para Penacova – Estrada da Beira); K – Hospital Universitário; L – Rua do Brasil.

Os espaços urbanos criam, em função das suas características e da sua evolução uma relação muito estreita com os espaços e práticas de lazer. Em muitos casos, é a área central da cidade, o centro de negócios, que dispõe de uma maior oferta, visto que seria também aquele que ostenta os maiores valores de clientela potencial, sempre significativa para a valorização dos mercados dos quais o lazer representa domínio particularmente importante. O próprio consumo coloca, por si mesmo, condicionamentos. A procura faz-se sentir mais sobre os bens duráveis (televisão, vídeo, rádio, discos, artigos desporto) e menos sobre os bens não duráveis (teatro, cinema, restaurantes), os quais se associam à polaridade dos lugares de práticas, em casa e fora de casa. Além disso, as motivações individuais afirmam-se como um predicado muito significativo, como referimos noutra lugar.

A caracterização da forma como as práticas e os espaços de lazer feita a partir do estudo da sua distribuição na cidade de Coimbra evidencia alguns aspectos da estruturação dos usos do solo urbano (Fig. 8). Tendo como funções principais o comércio e os serviços ligados à educação, à saúde e à administração. Coimbra apresenta-nos um grande número de actividades do terciário associadas com o lazer. A estrutura urbana da cidade organiza-se em torno de um centro que inclui uma área comercial, a Universidade e os espaços imediatamente contíguos (A, B, C). O núcleo comercial central identifica-se com a Baixa (A), definindo um espaço limitado pelas ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz, Sofia e Figueira da Foz, a Oriente, e pelas Avenidas Emídio Navarro e Fernão de Magalhães, a Ocidente.

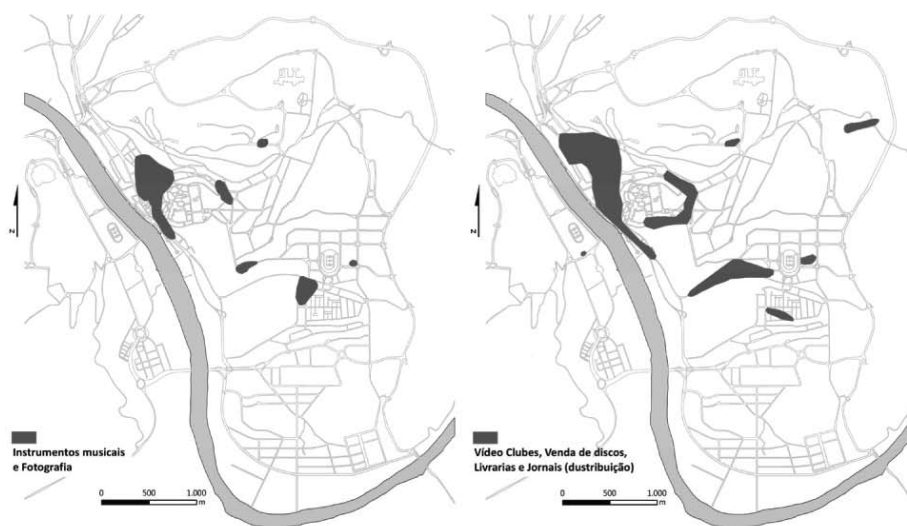


Fig. 9 - Distribuição espacial de instrumentos musicais, fotografia, clubes de vídeo, venda de discos, livrarias e jornais (também distribuição).

Fonte: Levantamento próprio (Listas telefónicas).

Ainda dentro deste centro, deve incluir-se também a Alta da cidade (B), onde se situa a Universidade, assim como, a Avenida Sá da Bandeira e a Praça da República (C). Por sua vez, este núcleo urbano estruturante da cidade apresenta uma especialização

entre a Baixa comercial e a Alta com a Universidade, pequenos serviços e residência estudantil e ainda as extensões mais modernas da Avenida Sá da Bandeira, Praça da República, Arcos do Jardim, ou o sector norte da Avenida Fernão de Magalhães, a primeira com predominância de serviços privados e comércio de vestuário, a segunda onde se destacam serviços públicos e comércio de bens de equipamento. Este centro é circundado por espaços verdes frequentados pela população como espaços de lazer, de passeio, de descanso ou de desporto, dentro dos quais salientamos o Parque da cidade, o Jardim de Santa Cruz, o Penedo da Saudade, e mais periférico, o Choupal. À sua volta salientam-se alguns núcleos de concentração de terciário, nomeadamente Celas (D), Solum (E) e Norton de Matos (F), e o Rossio de Clara (G), o qual quase se pode ver como uma extensão do centro na outra margem do Mondego.

Na análise da distribuição espacial das actividades associadas com o lazer consideram-se as relacionadas com o desenvolvimento do indivíduo, com o divertimento e com a sociabilização. Em primeiro lugar, numa cidade como Coimbra, onde a população estudantil universitária é numerosa, destacam-se as actividades relacionadas com o desenvolvimento do indivíduo. A representação dos espaços onde se localizam essas actividades evidencia a existência de dois focos que se integram no núcleo central da cidade, sendo dependentes das próprias características dos espaços e da natureza das actividades referidas (Fig. 9).

Consideram-se como actividades relacionadas com o desenvolvimento do indivíduo os cinemas, os centros culturais e recreativos, os emissores de rádio, as escolas de línguas/técnicas, as galerias de arte e os museus. A principal área de concentração destas actividades é a Alta, na proximidade da Universidade, de onde parecem irradiar as actividades relacionadas com o desenvolvimento do indivíduo, com eixos de ligação a Celas, às avenidas de classes de maiores recursos (Dias da Silva e Afonso Henriques), à Solum e à Baixa. De facto, verifica-se uma grande proximidade entre a Universidade e as escolas de línguas/técnicas, os museus e os cinemas, embora se apresentem, também, com uma distribuição pontual noutros locais da cidade. Por seu lado, os centros culturais e recreativos, embora com representatividade na Alta, evidenciam imposição espacial singular. A sua grande concentração está deslocada, relativamente às áreas anteriores, para o núcleo central, a Baixa. Todavia, estas funções culturais e recreativas acompanham, também, o crescimento da cidade, fundamentalmente das áreas residenciais, e formam agrupamentos em Celas, em Santa Clara, na Solum/Bairro Norton de Matos. Adjacente ao centro, a zona da Praça da República, surge como um espaço de lazer associado à população estudantil pela presença da Associação Académica.

Também as galerias de arte se implantam de modo diferenciado. Se a variedade de centros culturais e recreativos, servindo classes sociais e objectivos diferentes e relacionados com actividades diversas permitem a sua disseminação generalizada na cidade, as galerias de arte, pela especificidade da sua actividade e da sua clientela, identificam-se com os espaços para circulação, consumo ou residência pela população de maiores recursos. Por isso, não é de estranhar que seja em redor da Praça da República, em Celas e na Solum que encontramos maior número de ocorrências deste tipo de uso. Quanto às actividades de lazer relacionadas com o divertimento, a sua distribuição espacial apresenta-se distinta (Fig. 10). Consideram-se, neste caso, os bares e *pubs*, as discotecas e os salões de jogos. Todos eles com grande valorização do tempo de utilização nocturna, continuando a ser o centro da cidade o principal elemento orientador da sua localização. É na parte antiga

da cidade, na Baixa e, particularmente, na *Baixinha*, na Alta e em redor da Praça da República que se encontram em maior número. Além desta área, os núcleos de Celas, da Solum, e do Bairro Norton de Matos e da rua do Brasil, congregam também um número apreciável de espaços destinados ao divertimento, evidenciando, mais uma vez, a hierarquia e a especialização espacial na localização das actividades.

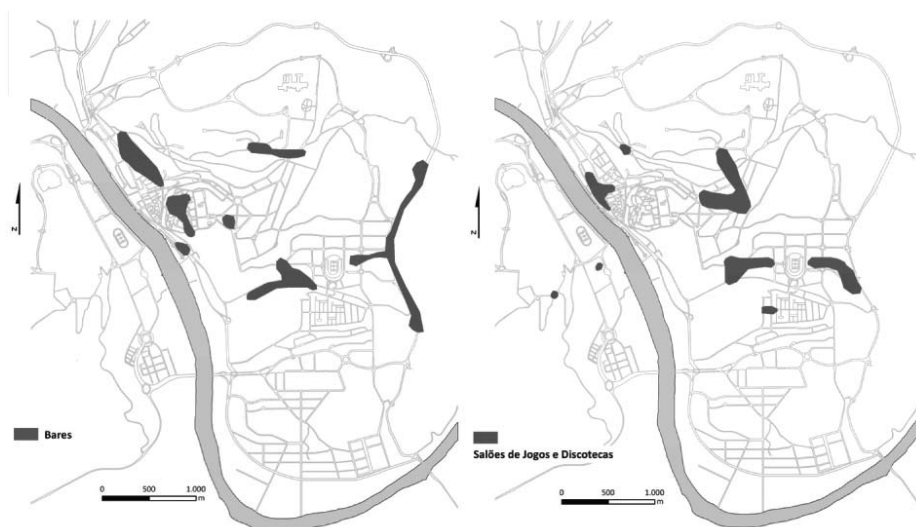


Fig. 10 – Distribuição espacial de bares, discotecas e salões de jogos na cidade de Coimbra.

Fonte: Levantamento próprio (Listas telefónicas).

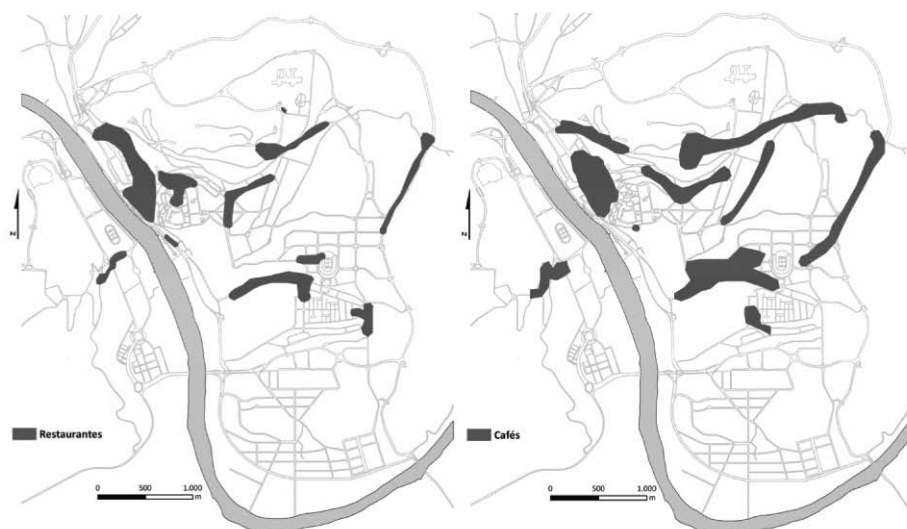


Fig. 11 – Distribuição de restaurantes e cafés na cidade de Coimbra.

Fonte: Levantamento próprio (Listas telefónicas).

A concentração na Baixa e Alta de bares e salões de jogos é o resultado do aproveitamento de duas clientela num espaço onde a população residente tem diminuído: a diurna, que se desloca para o trabalho mas que utiliza os intervalos do tempo de trabalho para fazer uso desses espaços, e a nocturna, que se desloca com a finalidade específica de os frequentar. Por outro lado, a área em redor da Praça da República, assim como a de Celas, é o resultado da exploração de uma clientela predominantemente estudantil, apresentando, para além de bares e salões de jogos, também discotecas. Esta concentração de actividades de lazer relacionadas com o divertimento surge associada com as áreas de residência de população jovem, na sua maioria estudantes universitários, numa idade e em situações em que os condicionalismos familiares vão desaparecendo. A terceira área sublinhada, Solum/Norton de Matos e rua do Brasil, é uma localização influenciada pelas potencialidades de procura originada por um outro tipo de especialização, a da residência de classe média, que valoriza o seu tempo fora do trabalho com a frequentação de locais como cervejarias, bares, *pubs* e salões de jogos, e onde se salienta uma relação estreita com o rendimento económico.

De realçar, mais uma vez, que estes espaços além de espaços de práticas de lazer são simultaneamente espaços de trabalho. Os serviços prestados, diurnos ou nocturnos, estão afectos não só às pessoas que usufruem do seu tempo de ócio mas também àqueles que contribuem para que este possa ter lugar. Por isso, pode afirmar-se que o tempo de ócio tem contribuído para o aumento e diversificação do tempo de trabalho, através de procura e do consumo de ócio. Os *disc-jockey*, os *barmen*, os empregados de mesa, os empregados de balcão asseguram o acesso da generalidade da população aos tipos de lazer.

Por fim, consideramos as actividades de lazer relacionadas com a sociabilização (Fig. 11). Se todo o tipo de ócio pode contribuir para a sociabilização, utilizamos alguns daqueles, que apesar de se poderem incluir no tipo anterior, se destacam pela natureza diferenciada do modo de frequentação, como os cafés, os snack-bares, as pastelarias, as cervejarias, os restaurantes. Foram preferidos a outras actividades, onde existe uma diversidade de utilizações pela sua função mais universal de sociabilização extra-familiar. Contudo, porque o lazer, como referimos, implica situações de dualidade de sentido e, mesmo, de interpretação ambígua, não podemos deixar de lhe fazer referência. Embora ambos possam ser espaços de lazer são, de igual forma, espaços utilizados para satisfazer necessidades básicas das pessoas, a alimentação, assim como de outras funções para além da sociabilização, que consideramos como principal. Por isso, se o tempo que uma pessoa permanece num café ou restaurante, como cliente, é sempre um tempo fora do trabalho, mesmo um tempo livre pode não ser, muitas vezes, um tempo de lazer. A localização dos cafés e restaurantes, na cidade de Coimbra, está relacionada com esta diferenciação entre tempo de trabalho, tempo livre e tempo de lazer, existindo, porém, outros factores importantes que deverão ser tidos em consideração.

Tal como quando se fez referência aos centros culturais e recreativos, a distribuição dos cafés e restaurantes reparte-se entre o centro e as áreas residenciais, associadas com a natureza dos espaços de circulação, em especial as principais vias de acesso à cidade de Coimbra (rua do Brasil/Alto de S. João, Estrada da Beira (J); Santa Clara, saída para Lisboa (G); rua do Padrão e Loreto/Pedrulha, saída para o Porto (H)).

O núcleo central, Baixa, Alta e Praça da República, apresenta a maior aglomeração de cafés e restaurantes. A Baixa, área de circulação da maior parte da população residente

na cidade e da população de passagem, assim como, local de trabalho de uma numerosa população de serviços e comércios, pela possibilidade de dispor de uma enorme clientela potencial, apresenta-se como a área mais favorável a este tipo de localização. Além desta, os maiores bairros residenciais de classes médias, Solum e Norton de Matos, Av. Elísio de Moura (I) e Celas e Santo António dos Olivais, são também núcleos de concentração deste tipo de actividade. As áreas residenciais das classes de maiores recursos, Dias da Silva, Afonso Henriques e Penedo da Saudade, devido à tipologia das residências, na sua maioria vivendas individuais e pelas características sociais da sua população, apresentam um número de localizações mais reduzido.

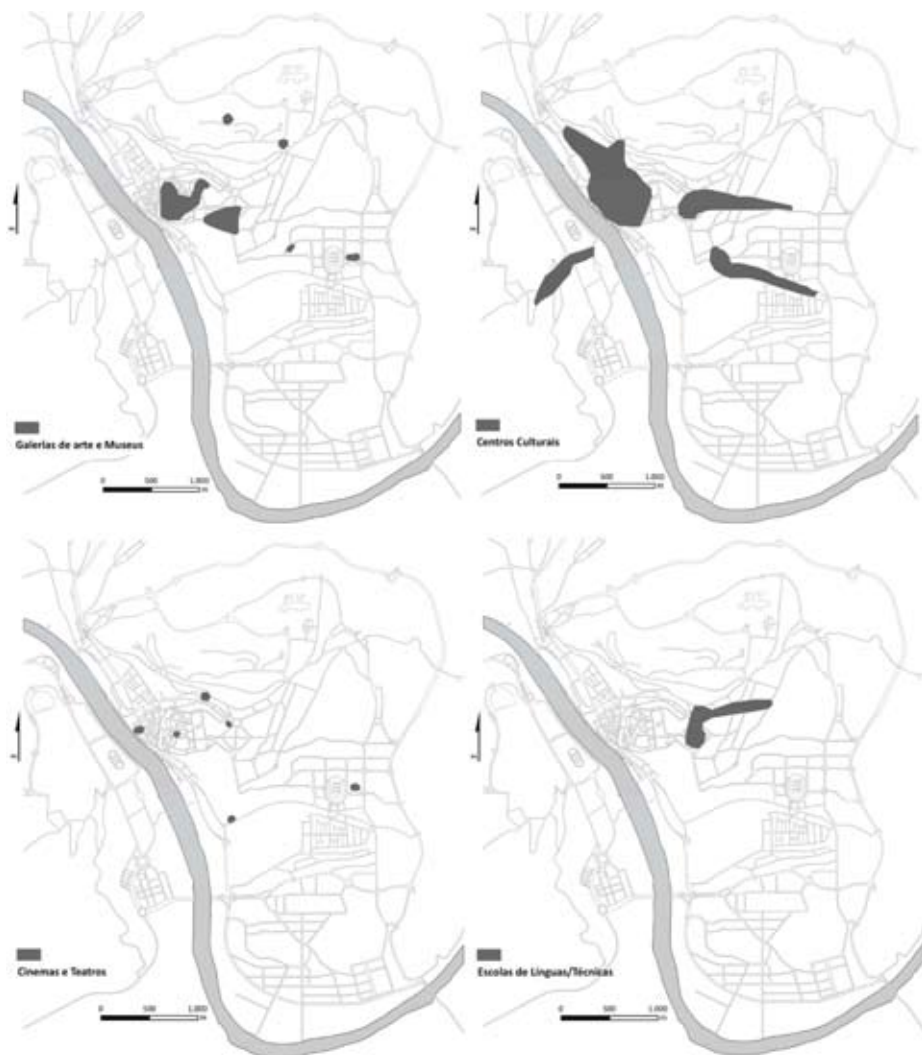


Fig. 12 – Distribuição espacial de Galerias de Arte, Museus, Centros Comerciais, Cinemas Teatros e Escolas de Línguas.

Fonte: Levantamento próprio (Listas telefónicas)

Falar de lazer e de práticas de lazer implica necessariamente falar de actividades comerciais a cujas inter-relações temos vindo a fazer referência. O lazer é, pois, responsável pelo aumento do consumo das populações provocando o aumento da oferta de bens e produtos que chegam até ao utente através de um circuito comercial, apesar de apresentarem usos diversificados e não serem apenas exclusivos para o lazer. Os aparelhos electrónicos, televisão, rádio, máquinas audiovisuais, projectores de diapositivos, aparelhagem de som, instrumentos musicais, máquinas fotográficas, os produtos de utilização nesses aparelhos, discos, compactos, cassetes, diapositivos, películas, os artigos desportivos, os instrumentos e artigos para *hobbies* e *bricolage*, os animais de estimação, os livros, os jornais, são, na generalidade dos casos, associados com os lazeres. Daí, o comércio converter-se no elo de ligação entre a produção e os consumidores de bens, valorizando, cada vez mais, a procura desses bens para uso durante o tempo livre, através da publicidade valorizadora do tempo de ócio.

Por esta razão, tomou-se necessário considerar também alguns tipos de comércio que se afigurassem dependentes da procura de artigos destinados à ocupação do tempo livre.

Escolheram-se, por isso, as casas comerciais de venda de instrumentos musicais e de artigos para fotografia e também as casas de venda de discos, livros e jornais e de aluguer de filmes em vídeo. A distribuição espacial obtida tem uma representação modelada pela estrutura urbana. Salienta-se, igualmente, de forma muito vincada, a importância da Baixa, como área de maior concentração do comércio de instrumentos musicais e artigos para fotografia, agregando a área central da cidade a quase totalidade das casas comerciais destes artigos. De facto, apenas três núcleos exteriores, de significado muito restrito, se individualizam. Um ligado à conjugação entre vias de circulação (rua do Brasil e rua Combatentes da Grande Guerra) e uma área de grande densidade residencial (Bairro Norton de Matos), os outros dois relacionados com a implantação de centros comerciais (na Solum, o Centro Comercial Girassolum, e em Celas, os Centros Comerciais *Mayflower*, Primavera e Tropical) os quais se identificam com os núcleos secundários da organização do espaço urbano.

4. Conclusão

Assim, tanto pela oferta como pela venda de bens e serviços de lazer, como, ainda, de forma mais remota, pelo preenchimento do tempo livre, dos passeios ou do *ver montras* as actividades terciárias, nomeadamente o comércio, estão fortemente imbricadas com os lazeres. Por isso, quando se procura estudar as práticas dos lazeres a partir dos lugares dessas práticas, são evidenciadas muitas das características da organização espacial do terciário, seja no plano inter-regional, seja no entender das áreas urbanas.

No primeiro caso salientam-se dois componentes estruturantes: por um lado, a dimensão urbano/industrial, que acentua as assimetrias regionais de desenvolvimento em associação com as hierarquias urbanas; por outro, a dimensão de recursos naturais, localizados mais rigidamente e de cuja valorização social depende a fragmentação (como estâncias balneares, termas ou parques naturais). No segundo caso, evidencia-se sobretudo o princípio da hierarquia intra-urbana combinada com a diferenciação socioespacial

das áreas urbanas. Como se mostra com o caso da distribuição espacial na cidade de Coimbra, o agrupamento e a natureza dos equipamentos e lugares de práticas de lazer são directamente influenciados pela hierarquia interna das actividades terciárias, em combinação com a diferenciação das áreas sociais. Assim, além do centro funcional da cidade, a Baixa e a sua expansão são as áreas de residência de grupos sociais mais abastados e com maior concentração residencial onde se constata a presença de maior número e de maior diversificação de funções associadas ao lazer.

Os lazeres modernos expressam cada vez mais a natureza social das sociedades pós-industriais, mesmo em situação de menor desenvolvimento económico. Nestas sociedades, por efeitos induzidos, quer externos, quer internos, a difusão dos lazeres modernos, leva à adopção e ao desenvolvimento de espaços destinados às suas práticas. Factor de desenvolvimento, são também razão de acentuação de diferenciações sociais e espaciais e, ao mesmo tempo, sinais de distinção desses mesmos espaços.

Bibliografia

- Alegria, M. F. & Ferrão, J. 1981, 'Exibição de cinema em Portugal. Disparidades regionais', in *Finisterra*, Vol XVI, 32, CEG, pp. 341-349.
- Baudrillard, J. 1973, *La société de consommation*. Gallimard, Paris.
- Burns, T. 1973, 'Leisure in industrial society' in *Leisure and Society in Britain*, ed. M. A. Smith et al., Londres.
- Dumazedier, J. 1974, *Sociologie empirique du loisir. Critique et contre critique de la civilisation du loisir*. Ed. Seuil, Paris.
- Dumazedier, J. 1962, 'Travail et loisir', in *Traité de Sociologie*, Tomme II, dir. G. Friedmann, P. Naville & A. Collin, Paris.
- Dumazedier, J. 1962, *Vers une civilisation du loisir?* Ed. du Seuil, Paris.
- Fourastié, J. 1970, *Des loisirs, Pourquoi faire?* Casterman, Paris.
- Fourastié, J. 1965, *Les 40 000 heures, le travail d'une vie demain*. Médiations, Gouthier, Paris.
- Galbraith, J. K. 1976, *Sociedade da abundância*, Europa América, Lisboa.
- Hagerstrand, T. 1976, 'Geography: between nature and society', in *Geoforum*, vol 7, Pergamon Press, pp. 324-334.
- Kaplan, M. 1961, 'Leisure in America. Social Inquiry', in *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Nova Iorque.
- Lanfant, M. F. 1972, *Les théories du loisir*. PUF, Paris.
- Parker, S. 1976, *Sociologia do lazer*. Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- Patmore, J. A. 1983, *Recreation and resources. Leisure patterns and leisure places*. Basil Blackwell, Londres.
- Sue, R. 1982, *Vers une société du temps libre?* PUF, Paris.
- Touraine, A. 1969, *La société post-industrielle*. Ed. Denoel, Paris.
- Zorrilla Castrejana, R. 1990, *El consumo del ocio*, San Sebastian.

Série

Ensino

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2008

